

TURISMO E *ROMANITÀ*: UMA NOVA VISÃO DE POMPEIA (1924-1942)*¹

Tourism and Romanità: a new vision of Pompeii (1924-1942)

Ray Laurence²

Em 1958, durante o final da sua longa supervisão de escavações na cidade de Pompeia, Amedeo Maiuri fez numerosas observações a respeito da interação existente entre o sítio arqueológico e os turistas que o visitaram³. Essas observações revelaram um propósito para o seu trabalho que culminaram na remodelação das ruínas da cidade de Pompeia, por meio de novas escavações e novos projetos de conservação. Seu foco era o início da temporada de turismo em Pompeia no mês de abril, quando observou as primeiras procissões ou multidões de turistas que chegaram à *Porta Marina*. Nessa ocasião, descreveu os visitantes como pessoas do Norte fazendo uma espécie de peregrinação (*pellegrinaggio*) para o sítio.⁴ Falando como

* Tradução de: Pérola de Paula Sanfelice – Doutoranda em História – UFPR. Bolsista Capes. E-mail: perolasanfelice@gmail.com, e Daphne de Paula Kuppler – Bacharel e Licenciada em Letras – UNISEB. Professora de inglês/português em *Lingual Institute of Philadelphia*. E-mail: daphnebbg26@hotmail.com

1 Nota das tradutoras: Artigo original: Laurence, R. *Tourism and Romanità: a new vision of Pompeii (1924-1942)*. *Ancient History*, v. 35, n. 1, p. 90-110, 2005. A tradução foi realizada com autorização do autor, a quem agradecemos pela solicitude.

2 Nota das tradutoras: Ray Laurence atualmente é professor na Universidade de Kent, Reino Unido. É especialista em estudos arqueológicos sobre Pompeia e tem vários artigos e livros publicados na área. A razão de escolhermos esse texto para traduzir se deu por entendermos que interessa a um público amplo de estudiosos: os que se interessam por arqueologia e Pompeia, a relação entre estudos clássicos e Fascismo, turismo, patrimônio e usos do passado. Maiuri, superintendente de escavação de Pompeia por cerca de quarenta anos, é considerado o mais polêmico administrador de Pompeia do século XX e esse artigo de Laurence explora bem suas contradições e seu projeto político junto ao Fascismo italiano.

3 Maiuri (1958). Para a discussão a respeito da carreira de Maiuri, ver: Maggi (1974); Caratelli (1990). A coleção dos artigos de Maiuri foi editada por Belli (1978).

4 A visão de Maiuri coincidiu com a de Nash (1996, p. 44): “A experiência e as reações das pessoas que estavam fazendo turismo [...] assumiram uma aura sagrada que tinham como função recriar o indivíduo para a vida do dia a dia, que foram ditadas pela necessidade da inversão, assim como, por certas influências sociais”. Maiuri (1929), Rusconi (1929, p. 13-15) e Corti (1951) se referem à escavação do sítio como a ressurreição do espírito da Antiguidade. Para as teorias sobre o turismo, veja Urry (1990, p. 1-15), para o olhar do turista: há também os artigos de Cartier e Lew (2005) sobre turismo e sedução do sítio.

o diretor ou o chefe de uma grande corporação, que era Pompeia, ele os observa e busca oferecer o melhor serviço para os seus clientes. Esse artigo se trata então, de um breve relato sobre a diferença do turismo moderno para os primeiros visitantes do sítio do século XVIII, sublinhará também a dinâmica do turismo e o entendimento de Maiuri sobre o crescimento deste fenômeno, que teve suas origens nas décadas de 1920 e 1930.⁵

Maiuri revela a real força que o sítio e toda sua infraestrutura exercem sobre os turistas. A maioria dos turistas não ficava em Pompeia, geralmente chegava numa viagem de trem, ônibus ou carro para uma visita com duração de um dia, frequentemente como parte de uma viagem organizada por um grande grupo de agências de turismo do sul da Itália. Esses que estiveram em Pompeia pela primeira vez tiveram uma experiência turística única.

Eu invejo os visitantes que vêm pela primeira vez a Pompeia; eu invejo aquele estado de graça, no qual acontece na primeira vez que adentram nos portões da cidade, o primeiro contato com a pavimentação das ruas, a primeira travessia da soleira de uma casa, eles têm o presente de se maravilhar e voltar a serem como crianças de novo e fazer as perguntas que as crianças fazem a seus avós.⁶

Maiuri almeja construir uma ponte entre as lacunas da sua experiência no sítio (como 34 anos de supervisor) e a visão dos visitantes que estiveram lá pela primeira vez – algo que ele conquistou mesclando grupos multilinguísticos. Para ele, o objetivo do sítio era educar esses adultos-crianças (ou clientes) e demonstrar a sabedoria da Antiguidade. O

5 *A Opera Nazionale Dopolavoro* subsidiou excursões de 1931, e por volta de 1937 organizou 50.000 excursões (comparado a 4.165 excursões não subsidiadas em 1930) para promover viagem de trem e descontos nos cruzeiros mediterrâneos. Veja de Grazia (1981, p. 180-184). Os destinos das organizações foram as escavações em Ostia e em Pompeia, veja Beretta (1933, p. 188). O número de visitantes estrangeiros para a Itália varia consideravelmente de 1924 a 1939, relacionando-se diretamente com a economia global. Em 1925, o governo italiano registrou um número de visitantes estrangeiros baseando-se no número de diária nos hotéis, chegando 19.430.000. Em contrapartida, durante a depressão de 1932, registros mostram 9.478.095 e, em 1937, os números retornam a 17.370.496 diárias em hotéis. Calcula-se que os turistas estrangeiros renderam à Itália cerca de 150 a 200 milhões de liras (*Enciclopedia Italiana*, 1937 [Apendice II], p. 1050-1051). O turismo, até mesmo na década de 1920, foi uma atividade econômica que fez uma significativa diferença para a economia italiana.

6 Maiuri (1958, p. 89).

que Maiuri deixa claro em suas breves declarações sobre turismo é o seu objetivo didático por detrás de seu trabalho em Pompeia. Ele se envolve tanto com o mundo contemporâneo do turista quanto com o mundo acadêmico arqueológico.⁷

Suas reflexões em torno do relacionamento entre a arqueologia pompeiana e o turismo foram construídas por conta da sua familiaridade com o turismo. No começo de 1929 já estava publicando livros sobre Pompeia para os leitores de fora da academia, patrocinados pela companhia nacional de turismo, que foram traduzidos para outros idiomas, que não só continham 193 fotografias em preto e branco, mas também 14 aquarelas de Luigi Bazzani.⁸ Esta publicação foi seguida por um livro guia publicado pela Libreria dello Stato em 1932.⁹ A urgência de escavar, entender e explicar o sítio para os visitantes foi a chave para todas as publicações de suas obras. O núcleo do entendimento de Pompeia e de toda a sua arqueologia se deve à demanda de turistas, aos quais Maiuri se referiu como clientes da arqueologia e em particular de Pompeia.¹⁰

Trocando itinerários

A estrutura de qualquer visita turística é determinada pelo ponto de chegada. No caso de Pompeia, o seu primeiro encontro ocorre com as ruínas a serem contempladas. Nas décadas de 1920 e 1930, viram-se maiores mudanças nas formas pelas quais os visitantes eram transportados de Nápoles para o sítio. Até 1930 a chegada era feita de três maneiras: a ferrovia dello Stato (ferrovia estadual) tinha construído uma estação fora

7 Maiuri (1958, p. 91). A nomeação da Casa do Navio Europa, escavada na década de 1950, foi vista como a celebração da recém-descoberta União Europeia e o reconhecimento da heterogeneidade dos visitantes do sítio, os quais podem responder a tal sentimento.

8 Maiuri (1929b). Um volume desta mesma série foi publicado sobre Herculano em 1932.

9 Maiuri (1932b). Um volume desta mesma série foi publicado sobre Herculano em 1936. Ambos, continuamente atualizados e reeditados depois de 1945, foram traduzidos para o inglês para ser um livro guia oficial nas décadas de 1970 e até mesmo após a década de 1980.

10 Veja Laurence (1999) no artigo sobre *romanità* e arqueologia no desenvolvimento do fascismo italiano com uma referência particular a Rimini. Compare Lasansky (2004) na apresentação da Renascença sob o Fascismo.

da Porta Marina; a recente construção de uma autoestrada permitia rápidas viagens de Nápoles a Porta Marina; e, finalmente, a Circunvesuviana (ferrovia privada) teve sua própria estação Pompei Scavi, na Porta di Nola (veja a Figura 1 para compreender as localizações). Essa última explica a escavação da Via di Nola no século XIX para criar uma avenida escavada entre a área central do sítio e a entrada associada com essa rodovia elétrica moderna. As escavações facilitaram a imersão no sítio e essa experiência única do turista de deixar uma convivência moderna com a ferrovia elétrica e entrar diretamente nas ruínas da Antiguidade. O trajeto levava cerca de 40 minutos a uma hora quando se vinha de Nápoles. Em 1936, a famosa estação Circunvesuviana Pompei-Villa dei Misteri tinha sido construída como um dos serviços mais rápidos de Nápoles.¹¹ Levou esse nome devido aos vestígios escavados na Villa e ao fato de a estação estar localizada entre a Porta Marina e a Vila dos Mistérios. Era conveniente a entrada pela Porta Marina, um itinerário que apresentava a visão dos mais recentes vestígios encontrados na cidade.¹²

Os livros-guias, que continham recomendações itinerárias, podem apontar o caminho para entender como se esperava que os turistas vissem o sítio e podem ser analisados para entender as mudanças recomendadas que ocorreram em cada novo livro-guia produzido para incorporar os novos achados do arqueólogo.¹³ Engelmann incluiu no seu livro-guia de 1929 quatro itinerários de quatro horas para uma breve visita e outro de quatro a cinco horas para uma longa visita.¹⁴ Sugere, em uma das breves visitas, que o turista pegue a Circunvesuviana até a Porta de Nola e siga a rota cuidadosamente no tempo previsto para incluir a Casa dos Vetti, Casa do Fauno, Casa do Poeta Trágico, os Banhos do Fórum, o Fórum e os edifícios associados a ele, o Antiquarium e a Porta Marina, seguido pelo Fórum Triangular e os teatros antes de retornar a Porta di Nola. Ele também sugere uma alternativa na qual o turista chegue como antes, seguindo um itinerário similar, mas que saia via Porta Marina para retornar pela ferrovia estadual a Nápoles, depois um agradável almoço no Grande Hotel Suisse. Estes iti-

11 Carrington (1936, p. 157); cf. Van Buren (1930, p. 387).

12 Maiuri (1932b).

13 Curiosamente, todos os mapas dos livros-guias feitos por Maiuri, nesse período, datam das primeiras fases do projeto de escavação, os quais deixariam aqueles que usassem esses mapas surpresos por realizar uma descoberta dos monumentos que não estavam presentes nos mapas dos livros guias.

14 Engelmann (1929, p. 27-31).

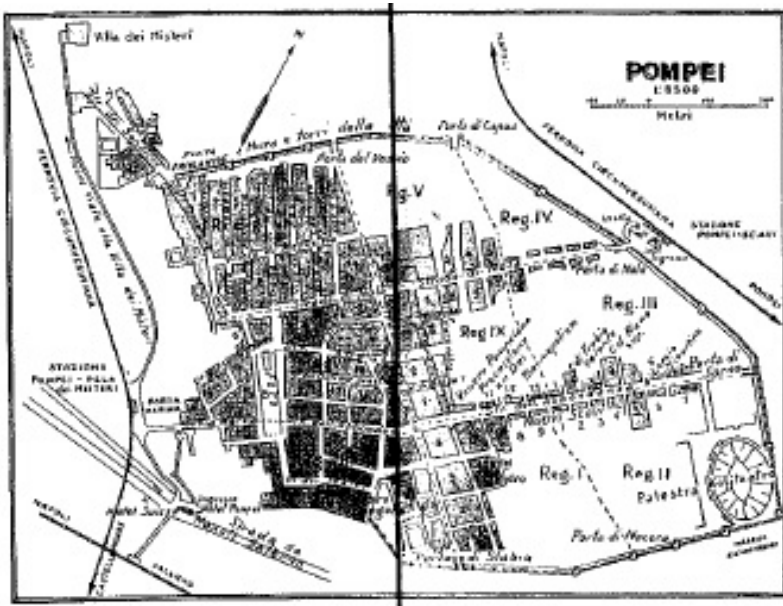


FIGURA 1 – MAPA DE POMPEIA FEITO POR MAIURI (1944), REFLETINDO O ESTADO DAS ESCAVAÇÕES NA DÉCADA DE 1930 (ESSA É UMA FRÁGIL REPRODUÇÃO DA OBRA ORIGINAL).

nerários não incluem as novas escavações ou a Vila dos Mistérios e podem ser vistos como um retrato tradicional ou uma experiência do visitante da era pré-fascista. As novas escavações estão incluídas em outros itinerários, requerendo um adicional de 45-50 minutos para a visualização e a Vila dos Mistérios consumiria 5 minutos para organizar a permissão ou o tíquete de entrada e mais dez minutos para a sua visualização. O que fica claro nos itinerários propostos por Engelmann é a escala de mudanças que ocorriam. Os itinerários originais eram adaptados para a inclusão da seção “Novas Escavações”, ao invés de integrá-los no roteiro original via Porta de Nola.

A estrutura original da entrada Via Porta de Nola foi alterada no início da década de 1930. Maiuri defendeu a entrada via Porta Marina e seu livro-guia serve à estrutura que coloca uma ênfase inicial nos prédios públicos da cidade na seguinte ordem: o Fórum, o Fórum Triangular e os teatros,

o Anfiteatro, os Banhos; e então seguir para as casas em três setores: a região norte, incluindo a Casa dos Vetti; a região central, incluindo os bordéis; e a região sul, com as Novas Escavações. Finalmente, o livro-guia termina com as tumbas, além da Porta Ercolano, e a Vila dos Mistérios.¹⁵ A sequência do itinerário conduz o turista para o Fórum pela Via dell'Abbondanza em direção ao Fórum Triangular e aos teatros, os quais cruzam a Via di Stabia e saem perto das escavações da Casa do Menandro, que estava sendo completada perto de uma trilha conhecida como Strada dell'Anfiteatro. Tendo visto o anfiteatro, eles retornavam para o sítio via entrada do sul da Casa de Loreius Tiburtinus, escavada entre 1918 e 1921,¹⁶ e observavam as novas escavações ao longo da parte oriental da Via dell'Abbondanza antes de verem os banhos de Stabia e a possibilidade de avistar a região do centro-norte da cidade. O ponto final do itinerário era, claro, a recém-escavada Vila dos Mistérios.

A adição da estação Circunvesuviana Pompei-Villa dei Misteri mais tarde foi confirmada como ponto de entrada da Porta Marina. No final do livro de Carrington para o público em geral, publicado em 1936, há um itinerário do sítio que é bastante diferente do de Maiuri. Essa tentativa inclui todo o sítio, terminando com as novas escavações na Via dell'Abbondanza.¹⁷ A chegada é pela Via Porta Marina e os visitantes começam examinando o *antiquarium* antes de entrar no Fórum, onde eles visitam os Banhos do Fórum, a Via di Mercurio e visualizam os muros da cidade. Contemplando a natureza da Guerra Social, ao visitante era recomendado seguir Via del Consolare e fazer os seus próprios caminhos entre as ruas e os túmulos da Vila dos Mistérios. Ao chegar, o visitante iria, então, retrair seus passos para examinar as casas da Região VI, antes de observar a Vila di Nola, Via di Stabia e partes da Via dell'Abbondanza, antes de chegar ao Fórum Triangular e aos teatros. Dali o visitante era levado à Casa do Meandro e ao longo da Via dell'Abbondanza à Casa de Loreius Tiburtinus e à recém-escavada Casa de Julia Felix. A visita terminava no anfiteatro, de onde o visitante era aconselhado a pegar a *carrozza* de volta à estação.

15 Maiuri (1932b).

16 Maiuri e Pane (1947) para a publicação final das plantas e a reconstrução do jardim. O jardim foi restaurado na década de 1990 e é familiar para a maioria dos visitantes.

17 Carrington (1936).

Escavação e turismo

É lamentável que a conservação dos vestígios arqueológicos não gere interesse, enquanto que as novas escavações e até mesmo as novas descobertas o fazem.¹⁸ A nomeação de Amedeo Maiuri em 1924 coincide com o aumento massivo na fundação da escavação do sítio. Seu antecessor, o supervisor Vittorio Spinazzola, um liberal, havia sido deposto do cargo, o que foi uma das primeiras consequências políticas do fascismo. Este tinha como objetivo consagrar a Via dell'Abbondanza como um dos maiores vestígios arqueológicos, tendo seus trabalhos publicados apenas depois da sua morte.¹⁹ Os primeiros três anos de trabalho de Maiuri nas escavações da Insula I.6 e I.7 foram publicados em 1927, juntamente com o artigo de Della Corte de uma epigrafia inédita da Via dell'Abbondanza na revista *Notizie degli Scavi*.²⁰ Dois anos depois, Maiuri relatou seu trabalho sobre estes dois quarteirões, que incluíam a escavação da Lavanderia de Stephanus, assim como a Casa do Cei.²¹ Essas se tornariam os dois pontos-chave do itinerário turístico. Principalmente, as escavações que se estendiam para incluir a rua entre a Casa do Cei e a do Meandro. De 1929 a 1934, as escavações na Região I não foram relatadas no *Notizie degli Scavi*. A razão era que a publicação dos relatos das escavações da Vila dos Mistérios e a Casa do Meandro como monografias tornaram a publicação da revista redundante.²² Essas duas escavações extensas remodelaram a natureza do sítio e criaram novos cenários para o turismo (veja a discussão mais adiante). Os níveis de restauração e reconstrução criaram espaços internos para a observação turística. As publicações e a vasta publicidade associada a eles, bem como a descoberta da prataria na Casa do Meandro, causaram um ar de novidade que a tornou de uma importância inimaginada. As publicações das incrições da Insula I.10 foram realizadas por Della Corte no *Notizie degli Scavi* no mesmo período das publicações monográficas das escavações e da epigrafia

18 Rusconi (1927) relata o trabalho em Pompeia em um volume que também representa o resultado de outros projetos do Estado de magnitude similar: o Fórum de Augusto em Roma, os navios do Lago Nemi e as mais recentes escavações em Herculano.

19 As escavações da Via dell'Abbondanza foram publicadas após dez anos da morte de Spinazzola em 1953.

20 Maiuri (1927); Della Corte (1927).

21 Maiuri (1929a).

22 Maiuri (1930; 1933a).

da Vila dos Mistérios em 1940.²³ Em 1934, Olga Elia continuou relatando as escavações de Maiuri no *Notizie degli Scavi*.²⁴ Desde então, houve menos frequência nas publicações a respeito das escavações e buscava-se ligar as escavações anteriores com a do anfiteatro. O projeto de Della Corte a respeito das publicações epigráficas continuou;²⁵ contudo, apenas em 1939 foi encontrada uma versão completa das publicações a respeito da Palestra e das insulas (quarteirões), que atualmente associa-se com as casas da Região II, incluindo a Casa de Julia Felix com simultâneas publicações epigráficas.²⁶

O efeito dessa série de escavações durante o período de quinze anos foi a remodelação do sítio (compare a figura 2 com a figura 1). Especialmente, as atrações principais dos séculos XVIII e XIX eram: o Fórum, Região VI, Via di Nola, os teatros, o Templo de Isis e o Fórum triangular, que foram adicionados pela junção do teatro com o anfiteatro, pela via axial da Via dell'Abbondanza. A consequência do processo foi a Via di Nola, Via di Stabia e as seções da Região VII, as quais eram atrativas apenas aos turistas que queriam visitar o sítio integralmente. O visitante estava agora entre o "preciso ver" as novas escavações ou as escavações da Vila dos Mistérios, que se situavam na direção oposta. Uma versão do itinerário para englobar as novas escavações era visitar o Fórum e, depois, a Via dell'Abbondanza e, em seguida, os teatros, o Templo de Isis, a Casa do Meandro e o Anfiteatro, antes de examinar as recentes áreas escavadas. A outra opção era visitar o Fórum e ir para a casa da Região VI antes de começar pela Via dell'Abbondanza e os sítios existentes em seu início. Mais tarde, outros sítios, incluindo a Vila dos Mistérios, precisariam ser visitados para completar o *tour*. O que as novas escavações fizeram foi adicionar um novo material para ser visto, o que aumentou o tempo necessário para a visitação de todo o sítio. O que foi ampliado pôde ser visto após seis anos de trabalho. Engelmann calculou que a visita com o tempo de parada em cada itinerário seria de aproximadamente quatro horas: as novas escavações da

23 Della Corti (1933; 1940).

24 Elia (1934).

25 Della Corti (1936).

26 Maiuri (1939); Della Corte (1939). É preciso reconhecer que a simultaneidade das escavações teve uma série de ensaios a fim de investigar o desenvolvimento da cidade antes da sua fase final e, também, da natureza da distribuição da água: Maiuri (1939a; 1931b; 1933b – trabalho que não chamou atenção dos agentes de turismo no período pós-guerra); Maiuri (1958). A importância deste trabalho, contudo, chamou atenção da comunidade acadêmica. Veja os relatos de Van Buren no *American Journal of Archaeology* de 1926 a 1942.

Via dell'Abbondanza consumiriam 45 minutos; o ingresso, a caminhada e a visualização da Vila dos Mistérios levariam mais 25 minutos.²⁷ Mesmo em 1929, quarenta por cento do tempo gasto pelos visitantes era nas recentes escavações. Os próximos dez anos de descobertas contribuíram para mais objetos serem conhecidos na Via dell'Abbondanza: a Casa do Meandro, a grande Palaestra, a Casa de Julia Felix, e poderiam ser adicionados à lista de Engelmann a Lavanderia de Stephanus, a Casa de Cryptoporticus, Escola de Jovens, a Casa de Trebius Valens, e as pinturas murais e *dipinti* nas ruas e nas portas.

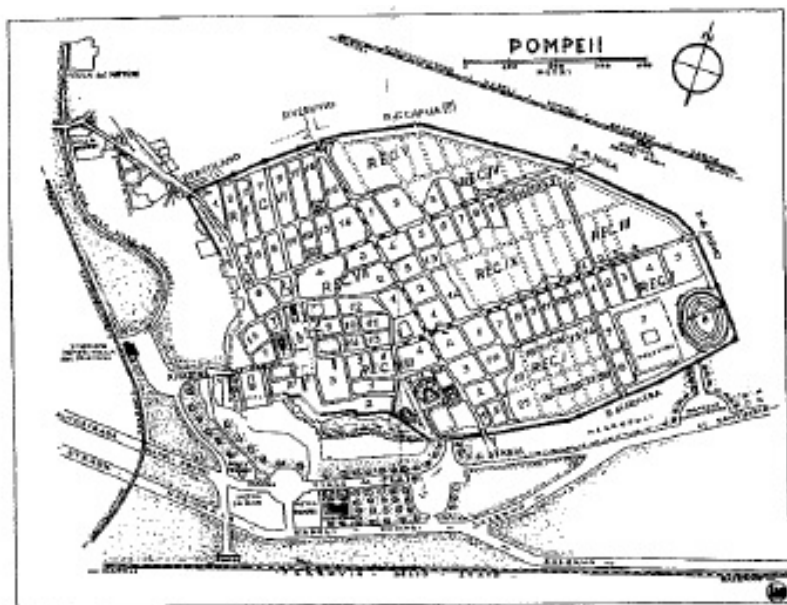


FIGURA 2 – MAPA DE POMPEIA DE MAIURI (1954). OBSERVE O NOVO PANORAMA DAS RUAS E AS ENTRADAS SUL DO SÍTIO.

Lamentavelmente, relativamente poucos visitantes precisavam ou queriam passar mais tempo nas escavações. No final do processo das escavações no sítio, em 1958, Maiuri refletiu que todo o seu trabalho para

27 Engelmann (1929, p. 31).

apresentar as escavações feitas com as últimas técnicas de conservação e preservação teria sido em vão.²⁸ Muitas das principais agências de turismo preferiam seguir o itinerário resumido, com paradas cronometradas no Antiquarium ou no Fórum, nos Banhos do Fórum, na Casa dos Vetti e ignoravam o resto da cidade, tornando irrelevantes todos os projetos desenvolvidos desde sua nomeação em 1924, optando por visitar a casa escavada no século anterior, que, como veremos, não convinha à imagem de Antiguidade proposta por Maiuri. A estrutura de visita da indústria de turismo requeria um tempo previamente determinado sobre o que seria visto, para facilitar o papel do guia turístico. A intenção não era que o guia conhecesse o sítio inteiro ou interpretasse os desafios apresentados pelas novas escavações. Esses grupos de visitantes guiados contrastavam com aqueles que baseavam o seu passeio no livro-guia escrito por Maiuri, que procuravam conhecer a cidade por conta própria. Maiuri relata um encontro que teve com um jovem casal vindo de Nova York. Eles estavam na Casa de Europa e ele se impressionou com o tamanho da jornada feita ao visitarem outros sítios Clássicos no Mediterrâneo. Tendo meio dia disponível, eles perguntaram a ele onde eles poderiam ir, pois já haviam visitado Delfos, na Grécia. Ele os aconselhou a visitarem as suas escavações na Gruta de Sibila, em Cumae.²⁹ Para aqueles visitantes que pretendiam compreender o sítio e as suas novas escavações, a predominância do livro-guia de Maiuri (traduzido para a maioria das línguas) e as publicações acadêmicas desenvolvidas a partir de visitas forneciam explicações para o que eles estavam buscando.

A Casa do Meandro e uma releitura do espaço doméstico romano

As novas escavações das décadas de 1920 e 1930 foram apresentadas de uma nova maneira, construída sob uma tradição iniciada por Giuseppe Fiorelli, que em suas escavações privilegiou a descoberta do sítio e a preservação das estruturas, mas também deixou as descobertas no

28 Maiuri (1958, p. 89-90).

29 Maiuri (1958, p. 91-92).

local em que foram encontradas. “Retratos, pavimentos e pequenos objetos podem ser vistos nos locais de origem, praticamente as únicas coisas que foram removidas foram os metais valiosos” – o que gerou muita admiração.³⁰ Maiuri atraiu atenções ao apresentar a Casa dos Vetti, escavada em 1895, onde os achados foram dispostos nos locais em que supostamente eram usados.³¹ A Arqueologia estava presente para apresentar o passado pompeiano e suas casas sob detalhes minuciosos via vestígios, tanto quanto o espaço arquitetônico. Vários achados foram dispersos e são irrecuperáveis. Furtos no sítio da década de 1970 até o tempo presente têm sido um fator significativo na conservação dos resquícios, resultando em uma rejeição das formas de apresentações pioneiras de Maiuri.³² Entretanto, para aqueles que visitaram o sítio na década de 1930, os achados estavam em suas localizações, ao lado de corpos de gesso e nos ambientes domésticos nos quais ambos existiram. Esta política pode ser vista como uma resposta às novas escavações em Ostia Antica, que criou uma experiência turística rival para a antiguidade, porém o que Ostia não possuía eram os achados apresentados aos visitantes de Pompeia.

Inevitavelmente, a história das escavações de Pompeia nesse período está ligada e emaranhada com as ideologias do fascismo italiano. Maiuri, no prefácio da publicação da Casa do Meandro, deixa claro que o novo regime tinha ajudado o campo da Arqueologia de maneiras desconhecidas até então. Ambas as monografias, a da Casa do Meandro e a da Vila dos Mistérios, incluíram ilustrações coloridas e foram publicadas pelo Istituto Poligrafico della Stato.³³ Os dois textos foram escritos para serem acessíveis. Maiuri segue um princípio de que Pompeia não se tratava apenas de escavações, mas também significava compreensão e explicação dos fenômenos. Os volumes forneceram um novo padrão de publicação e escavação integrada, achados, pinturas de parede e arquitetura. O resultado da escavação e a publicação de Meandro foram um deslumbre da existência, gosto e espírito dos habitantes do passado e eram o assunto de um

30 Carrington (1936, p. 12).

31 Maiuri (1948, p. 11); Leppmann (1968, p. 171). Há relatos de alguns roubos ocorridos no sítio nas décadas de 1960.

32 Ling (1997, p. 1) ressalta recentes furtos na Casa do Menandro, em contraste à situação na década de 1960; veja nota 26 acima.

33 A publicação da segunda edição no volume da Vila dos Mistérios, 500 cópias em italiano e 500 cópias em inglês, pelo Istituto Poligrafico/Libreria dello Stato, ocorreu em 21 de abril de 1931, para coincidir com o nascimento de Roma – Maiuri (1931a).

considerável louvor da comunidade estrangeira em Roma – “um modelo de produção de livro”.³⁴ A combinação de uma descoberta de um tesouro e o financiamento do estado para uma publicação tão pródiga deu uma nova importância para esse achado arqueológico. Foi o mais impressionante, o mais bem publicado e o mais recente espaço de escavação da antiguidade. Um novo arquétipo tinha sido criado.

A casa do Meandro era um espaço coberto com um novo telhado para preservar os achados e os afrescos. Esses eram notáveis: um átrio com um *lararium* preservado, escadas levando aos andares superiores, inúmeros afrescos sobre a mitologia da antiguidade, bem como banheiros privados, uma biblioteca e alojamento dos escravos. O efeito da restauração do espaço coberto pelo telhado criou uma dimensão nas ruínas que rivalizava com a Casa dos Vetti. Os espaços restaurados do peristilo criaram uma visão do espaço semelhante à despojada arquitetura pública do estado. Foi em tais espaços que Le Corbusier e outros defensores do modernismo ponderaram e, até mesmo, desenvolveram seus usos de colunas e de iluminação.³⁵ Sendo uma casa para visitação, ela superou a Casa do Fauno, porque continha telhado, e superava a Casa dos Vetti pelo seu tamanho e estrutura de espaço. Era simplesmente o lugar para se imaginar ou vivenciar o espaço interno da arquitetura doméstica romana. Para o diretor da Academia Americana, “essa casa, em plano, estrutura e decoração, exhibe todas as características de uma nobre residência Samnita, ampliado e adaptado às exigências aristocráticas no período romano.”³⁶ A Casa do Meandro veio para eclipsar a importância de todas as outras. Foi utilizada como o modelo para a estrutura de espaço encontrada no átrio da Casa Augustea na Mostra Augustea della Romanità, realizada em Roma em 1937-38. A casa reconstruída foi uma composição da decoração da casa de Lívia no Palatino em Roma e pelo átrio familiarizado da Casa do Meandro com seu *lararium* para os deuses domésticos.³⁷ A Casa do Meandro tornou-se a casa de Augusto *par excellence*, uma estrutura no auge do estilo antigo e perfeição arquitetônica.³⁸ Foi no triclinio dessa

34 Van Buren (1933, p. 506-507).

35 Le Corbusier (1946, p. 169-172); ver Goalen (1995) para discussão do modernismo e das escavações em Pompeia.

36 Van Buren (1931, p. 351); compare Ling (1997, p. 1-3), quando aborda os roubos e a necessidade de seu reestudo e publicação do mesmo conjunto de dados.

37 A.A.V.V., 1938.

38 Maiuri (1929b, p. 64).

casa que Mussolini recebeu o ministro alemão de educação Bernard Rust, em 1940.³⁹

A popularidade da escavação da Casa do Meandro pode ser explicada em parte pela descoberta de tesouros de prata, que poderiam gerar mitos do seu descobrimento a serem consumidos pelos visitantes e comentaristas. A história diz que Maiuri estava prestes a ir para a casa, saindo das escavações, quando ele ouviu gritos de um menino de dez anos que havia se infiltrado na cisterna e havia descoberto um caixa de ferro.⁴⁰ O garoto reportou ao professor o que ele tinha visto; o buraco no qual ele havia escalado foi alargado e Maiuri entrou para examinar o achado. A história está em desacordo com o relatório arqueológico publicado sobre o achado,⁴¹ mas a produção da história e sua credibilidade fizeram com que aparecesse impressa a importância da descoberta na imaginação romântica dos visitantes do sítio. Na época da descoberta, o achado foi de notável interesse jornalístico.⁴² Metade da publicação sobre a Casa do Meandro é devida à descoberta do tesouro. Foi uma descoberta única e mais tarde as escavações procuraram algo semelhante, mas não conseguiram encontrar outro achado para rivalizar: o letreiro '*ubi fulgar conditum*' no jardim ou na estatueta de Laksmi são exemplos de tais achados.⁴³

Arquitetura e interpretação

A missão de Maiuri de explicar Pompeia para um público mais amplo, seja em suas monografias ou em seus livros-guia, repousava sobre uma crença na mudança no período final da cidade e foi apoiada pelas descobertas das novas escavações. A mudança foi baseada na crença no desenvolvimento de uma classe de comerciantes e industriais que representaram as forças paralelas duplas de adaptação urbana: demografia e

39 Leppmann (1968, p. 171).

40 Corti (1951, p. 204-205), publicado originalmente na Alemanha em 1940.

41 Painter (2002, p. 3); Maiuri (1933a, p. 245-253).

42 Van Buren (1931, p. 351).

43 Van Buren (1939, p. 518).

economia na antiguidade ou no presente.⁴⁴ O processo foi visto com clareza na Lavanderia de Stephanus na Via dell' Abbondanza, onde ele pôde ver uma casa de átrio reutilizada como lavanderia em uma grande escala.⁴⁵ A explicação foi fundamentada na ideia de um retiro de classe alta da cidade aos subúrbios, enquanto a população aumentou e a cidade tomou um caráter industrial ou mercantil, com predominância de libertos da Campânia, gregos e asiáticos migraram no período imperial.⁴⁶ A tese de Maiuri depende das teorias contemporâneas do crescimento urbano, juntamente com a terceira sátira de Juvenal. Essas interpretações foram articuladas dentro dos ideais culturais de *strapaese* e *stracittà*, pelos quais nas tradições italianas (Catolicismo, ruralismo, classicismo, realismo, hierarquia e autoridade) eram tratados como industrialização e crescimento urbano.⁴⁷ As explanações de Maiuri sobre o processo procuram explicar a natureza das ruínas vistas pelos turistas:

Comércios criam urbanismo, e urbanismo leva à superlotação. Em uma parede protetora de cidade tendo um excesso de população, casas como a do Fauno, Pansa e Nozza d' Argento se tornaram impróprias, pois tomavam muito espaço físico. Esse estado vagarosamente levou à transformação das velhas casas patricias em habitações menores, com lojas surgindo sempre que possível, e, para compensar a perda de espaço, andares superiores foram adicionados [...] E onde um cidadão ou comerciante tinha acumulado uma certa riqueza e precisava de uma única casa maior, em vez disso, comprava várias casas vizinhas e fazia as alterações que fossem necessárias para transformá-las em uma casa.⁴⁸

Isso responde à curiosidade dos turistas sobre o número de entradas e bateu em conjunto de forma urbana e insular que não se conformava com

44 Maiuri (1932b, p. 61).

45 Maiuri (1932b, p. 63); Maiuri (1924, p. 173).

46 Maiuri (1932b, p. 14).

47 Thompson (1991, p. 119-20).

48 Maiuri (1929b, p. 64-66). Essa visão se envolve com o debate internacional sobre a cidade e o crescimento urbano que produziu na Itália as novas cidades de Sabaudia e Littoria nos pântanos de Pomptine, agora drenadas, e, no pós-guerra, na Grã-Bretanha aqueles de Stevenage, Bracknell e Milton Keynes, para citar apenas alguns. Sobre a relação do crescimento urbano e da cidade clássica, ver Laurence (1997).

a nova arquitetura pública das décadas de 1920 e 1930, ou até mesmo com a do neoclassicismo na época do *Risorgimento* italiano.⁴⁹ O argumento em publicações para o mercado turístico foi desenvolvido dez anos depois em *L'ultima fase edilizia di Pompei* para um público acadêmico.⁵⁰ Seus maiores projetos, das décadas de 1920 e 1930, proporcionaram os exemplos a partir dos quais as ideias foram derivadas: a Casa de Meandro exemplificando a casa de elite mantida dentro da cidade,⁵¹ visto que a Vila dos Mistérios forneceu um exemplo categórico de uma residência de classe alta que sofrera uma transformação na sua decoração após o terremoto de 62/3 d.C.⁵² O pior excesso dessa transformação estava para ser encontrado na casa de Vetti:

Em sua coloração extravagante e pomposa, representa a felicidade e prosperidade das classes comerciais que, depois de ter conseguido adquirir mansões, as modificaram de acordo com seus próprios gostos. Esse gosto levou-os a preferir um efeito cênico e não o que era refinado e duradouro, e tudo o que eles fizeram foi mais para se mostrarem do que para o conforto pessoal e prazer.⁵³

Entretanto, a mudança na demografia e estrutura de classe pode ser encontrada na Vila dos Mistérios: de um lado, uma residência de classe alta com belos afrescos e, de outro, um negócio agrícola.⁵⁴ As duas visões do passado pompeiano lado a lado inquietavam e precisavam de mais explicações. O problema em termos de turismo na década de 1930 era uma das apresentações: Pompeia era um lugar de classe alta, com gostos refinados, ou era um lugar de fábricas e desenvolvimento urbano? Em outro lugar da cidade, na Região VII, as varandas salientes e bordéis confirmaram a área atrás do Fórum como um “bairro de pobreza” composto de mezaninos de

49 Ver Laurence (1999, figuras 10.1-10.3).

50 Ver especialmente Maiuri (1942, p. 209-218); veja a crítica por Wallace-Hadrill (1991, p. 250-251); veja Van Buren (1942, p. 436-437) para uma reação contemporânea.

51 Maiuri (1932b, p. 65).

52 Maiuri (1932b, p. 78-79).

53 Maiuri (1929b, p. 69-70); compare também com Maiuri (1942, p. 105-112). Dada sua opinião sobre gosto, não é surpreendente que ele condene as companhias de turismo por terem levado grupos de turistas a uma das casas que sintetizou o mau gosto no sítio e por ignorar a beleza das outras casas, incluindo a de Menandro.

54 Maiuri (1932b, p. 83).

pequenos apartamentos e *flats* de um quarto.⁵⁵ Estes foram, para Maiuri, um resultado de mudança na composição demográfica e na ênfase do comercialismo e industrialismo, que levou ao crescimento de uma cidade vertical na fase final de Pompeia que coincidiu com desenvolvimentos semelhantes do mundo moderno.⁵⁶ A relação de uma classe social para a total alteração no gosto era característica de seu trabalho que foi desenvolvido após 1946, com a publicação revisada de livros-guias para Pompeia e suas escavações em Herculano.⁵⁷ As novas escavações, ironicamente, revelaram um quadro da terceira sátira de Juvenal para Maiuri e sua audiência de turistas na qual pode ser inserida: *Caecilius Jucundus*, a corporação dos tintureiros, com sua associação fora do lugar com o Edifício de Eumachia, padarias e bares.⁵⁸ Uma visão pompeiana para contrastar com a da nobreza da Casa do Meandro, que os turistas continuam a encontrar nos guias e nas visitas guiadas ao sítio hoje. A visão do passado romano é ambígua e aberta à interpretação dos turistas.

Reafirmando a Romanità: a Grande Palaestra

O novo governo de Mussolini foi construído em torno de um grupo de jovens da década de 1920 e de sua juventude a partir do qual se esperava fundamentar o futuro da Itália⁵⁹. Mussolini descreveu, no início de 1921, o fascismo não como uma *chiesa*, mas como uma *palaestra* ou um campo de treinamento, no qual as ideias poderiam ser desenvolvidas em contraste com uma série de rígidas doutrinas.⁶⁰ A *palaestra*, no sentido de lugar no qual os jovens da Antiguidade eram treinados, encontrou seu

55 Maiuri (1929b, p. 78-79). A gradual decadência e o declínio dos achados nas escavações da Região VII podem ser explicados como referência para essa interpretação. O bordel e algumas padarias são as únicas estruturas que podem ser vistas nessa importante região das escavações do sítio.

56 Maiuri (1929b, p. 81-86).

57 Wallace-Hadrill (1991, p. 251-257).

58 Maiuri (1929b, p. 81-104), para o relato mais completo; ver Jongman (1988) para a correção para esse ponto de vista.

59 Wittam (1995, p. 64-72). Veja também Betti (1984) e Koon (1985) para uma discussão mais aprofundada sobre este assunto.

60 Mussolini (1929, p. 243-244), reimpressões de seu artigo de 1921 em uma seleção de trabalhos compilados por *la gioventù*.

lugar na política educacional do novo regime e na organização de jovens na metade da década de 1920. Com base nessa nova ênfase na juventude, Della Corte investigou o papel da juventude ou *iuventus* no Império Romano na sua monografia publicada em 1924.⁶¹ A ênfase era dada na organização ou *collegia of iuventus* pelo Império e, também, no treino físico e militar das legiões da Antiguidade. A semelhança entre a instituição antiga e a *Opera Nazionale Balilla*, fundada em 1926 para as crianças em idade escolar, e o *Fasci Giovanili di Combattimento*, fundado em 1932 para jovens entre 18 e 21, é realmente inquietante.⁶² Panfletos sublinhavam, também, as semelhanças e as intenções de treinar a juventude para o militarismo.⁶³ Essas duas organizações foram substituídas em 1937 por *Gioventù italiana del Littorio*, cujos membros somavam cerca de 8 milhões no final da década de 1930.⁶⁴ Destacando atividades como educação física, desfiles de uniforme aos sábados (muitas vezes evitados) e visitas culturais, Della Corte pesquisou o sítio de Pompeia a fim de localizar sinais da *iuventus*. Estes foram encontrados nas *palaestrae* dos teatros e na *schola* da região III, Insula 3.6, a qual foi interpretada como um centro de um *collegium iuventutis*. A decoração interior era de característica militar. O guia de Maiuri de 1932 seguia os achados de Della Corte.⁶⁵ Este contemplava um quartel neste local e os jovens se exercitavam e tomariam banhos na Casa de Julia Félix. Mais tarde, Maiuri revisou o seu guia e, durante a Guerra, excluiu o trajeto entre um *collegium iuventus* e a *schola* na Região III, Insula 2.1.⁶⁶ O que ficou claro no trabalho de Della Corte e Maiuri foi que a pesquisa pela *iuventus* no sítio estava envolvida com as ideologias correntes do momento.

61 Della Corte (1924).

62 Raspa (1937, p. 19-22) inclui também elementos abordados por Della Corte (1924) em Roma em seu panfleto *Educazione Balillistica*. As divisões de idades eram: *Pre-Balilla* (0-6 anos); *Figli dela lupa* (6-8 anos); *Balilla Escursionist* (8-12 anos); *Balilla Moschettieri* (12-14 anos); *Avanguardist* (14-16 anos); *Avanguardist Moschettieri* (16-18 anos); e *Giovani Fascisti* (18-21 anos). Veja também Tannenbaum (1972, p. 121).

63 Raspa (1937, p. 64), a graduação ou o *Leva Fascista* era vista como o equivalente à asunção da *toga virilis* na Antiguidade, contudo os jovens de 1920 recebiam um rifle; veja a publicação de autor desconhecido (1928, p. 101-102).

64 Whittam (1995, p. 65), a participação passou a ser obrigatória e colaborou para uma formação para a adesão do Partido Fascista, com a idade de 21 anos, sendo esta também uma condição para o emprego.

65 Maiuri (1932b, p. 71).

66 Maiuri (1944, p. 75); ele completou a revisão apenas em 1943. Dez anos após a localização apareceu como *Schola Armaturarum* (Maiuri, 1954).

As escavações de Maiuri e a recriação de Pompeia como uma cidade mercantil, a qual estava em declínio em sua última fase, criaram uma visão de passado romano que não se assentava confortavelmente com a visão de política de *Romanità* do final da década de 1930.⁶⁷ A oportunidade de desenvolver a tese de Della Corte sobre *iuventus* em Pompeia surgiu com a escavação da *Grande Palaestra* próxima ao anfiteatro da Região II. Van Buren relatou, em 1939, que “a escavação de uma enorme *palaestra* e os seus arredores tomaram a cena e o interesse de muitos, a grande colunata foi parcialmente reconstruída, e essa zona de escavação se estendeu até a proximidade das casas ao sul da Via dell’*Abbondanza*” (ver Figura 2).⁶⁸ As escavações e as suas interpretações levaram, dessa forma, à criação de uma estrutura espacial para Pompeia, muito semelhante à nova arquitetura do esporte e da juventude fundada em muitas cidades da Itália, que tinham seus estádios desportivos localizados a uma certa distância do grande centro histórico.⁶⁹ A *Grande Palaestra* foi interpretada por Maiuri como uma primeira versão dos espaços destinados a exercícios nas *thermae* imperiais em Roma e foi observada como uma clara estrutura romana, contrastando com a pequena *palaestrae* grega ao redor da cidade.⁷⁰ As novas escavações coincidiram com a celebração do bimilenário do nascimento de Augustus em Roma e do segundo centenário das primeiras escavações de Herculano, que ocorreria em outubro de 1938. Pompeia era o local destinado a organizações da juventude, bem como as cidades ao redor, que recebiam no período de férias estudantes de outras localidades. O que eles percebiam em Pompeia era a *romanità* escavada que poderia ser identificada em seu próprio grupo e nas organizações que os levaram até lá. A organização espacial da *iuventus* em Pompeia, associada ao anfiteatro e à *Grande Palaestra*, seguia uma estrutura familiar para aquelas milhares de crianças que conheciam ou tinham participado de paradas e marchas feitas pelas academias fascistas

67 Essa ambiguidade também está presente em um *remake* de 1926 do filme *Gli ultimi giorni di Pompei*; para mais informações, veja Wyke (1997, p. 165-171). Isso também contrasta com a clara visão de *romanità* com relação à arqueologia de Rimini (Laurence, 1999) e Roma (Bondanella, 1987, p. 172-206).

68 Van Buren (1939, p. 518).

69 Como exemplos temos Rimini (Laurence, 1999), Roma com o Foro Mussolini (desde 1943 o Foro Italico). Ver Caporilli e Simeoni (1990), entre outras cidades como Spello, onde os centros desportivos ficavam próximos ao antigo anfiteatro.

70 Raspa (1937, p. 20) diferencia os exercícios atléticos gregos daqueles associados aos exercícios militares romanos.

até o Foro de Mussolini em Roma.⁷¹ A escavação da Região II reinventou Pompeia como um lugar no qual a nova geração de *gioventù fascista* poderia localizar *romanità* da era de Augusto despojada da ambiguidade das visões tanto das antigas *palaestrae* gregas presentes nos primeiros momentos da cidade como dos períodos posteriores, Neroniano e Flaviano, nos quais teria sido dominada por comerciantes e, conseqüentemente, superlotada. Tudo era uma *Vita Nova* vislumbrada na nova estação, Pompeia-Vila dos Mistérios, e a ferrovia elétrica ou a autoestrada que os transportavam novamente para o presente e para o tão esperado futuro de fazer parte das performances da juventude e do fascismo no Foro de Mussolini, fundado sobre a tradição de *romanità* que também poderia ser enxergada na *Grande Palaestra* de Pompeia.

Do passado para o presente

Toda a estrutura de visitação a Pompeia foi reorganizada por meio das escavações e das publicações, especialmente devido aos livros-guias, empreendidos por Maiuri de 1922 a 1942. Sua última escavação na década de 1950 acrescentou ou concluiu o que já tinha sido iniciado anteriormente (veja Figura 2). O resultado ainda pode ser conferido por aqueles que ainda hoje visitam o sítio, individualmente, sendo guiados em grupos ou como guia.⁷² É quase impossível dar conta de todas as atrações e percorrer todo o sítio em um único dia, que é o que a indústria do turismo e os próprios turistas esperam que ocorra. A maioria dos turistas acha o sítio muito maior do que imaginavam e as visões que lhes são apresentadas não combinam em nada com as imagens preconcebidas que tinham da antiguidade, derivadas da noção de Império Romano. O programa ambicioso de escavação empreendido por Maiuri produzia uma visão de antiguidade contraditória

71 Raspa (1937) discute o papel do Foro Mussolini na educação da juventude fascista.

72 Eu gostaria de agradecer a Annabel Lawson e Denise Allen, do *Andante Travels*, por me darem a oportunidade de guiar grupos de turistas e desenvolver os itinerários em Pompeia e em outras regiões da Itália durante a década de 1990. A experiência, em especial o desafio de observar e explicar as escavações em Pompeia para cerca de vinte e cinco pessoas por um período de um dia, foi incalculável para o desenvolvimento e a compreensão da dinâmica do turismo, que é o núcleo de reflexão deste trabalho.

daquelas produzidas outrora, a qual tinha que ser traduzida de forma diacrônica a fim de produzir o aumento do interesse nos gastos da aristocracia. O detalhe disponível no sítio impediu interpretações esquemáticas que eram possíveis com a escavação e preservação de Ostia Antica como o porto da cidade de Roma. Como o filme *L'ultimi giorni di Pompei*, de 1926, as escavações de Maiuri produziram um quadro contraditório da antiguidade que nem sempre deu lugar à visão oficial que o Estado tinha de *romanità*. Mesmo que a interpretação do sítio e a apresentação para os turistas tenham sido dominadas pela visão que se tinha da Era de Augusto, como o apogeu da cultura romana, poderia fornecer uma confirmação de perigo ao Estado moderno, com referência à estética e ao declínio cultural na *L'ultima fase* ou *L'ultimi giorni* de Pompeia nas Eras Neroniana e Flaviana. Qualquer detalhe dos artefatos podia, a qualquer momento, negar a ideologia de *romanità*, o que exigia cada vez mais as interpretações fornecidas pelos livros-guias ou pelos próprios guias. O fato de que os guias foram reeditados após a queda do fascismo (mesmo com as revisões) perpetuou a versão do sítio codificada nas décadas de 1920 e 1930. Frequentemente se diz que a História é reescrita por cada nova geração de historiadores, mas nós temos que mencionar que cada geração reescreve a história a um grau que as próximas gerações continuem a articular, mesmo que de forma subconsciente, a evidência dentro de um modelo prescrito pela geração anterior.⁷³ Atualmente, as interpretações de Maiuri têm sido discutidas e debatidas na Arqueologia, mas sua presença pode reafirmar-se nos manuais escolares⁷⁴ e nas interpretações do sítio nos livros-guias e de souvenir.⁷⁵ Pompeia enquanto uma região, ou um destino turístico (ou uma marca comercial), foi reinventada por Maiuri, foi vendida e promovida por meio de novas instituições fascistas italianas que forjaram um modelo de turismo focado na arqueologia e *romanità*. Com mais de dois milhões de visitantes/ano no sítio, hoje a comercialização de Pompeia tem sido bem-sucedida e traz os visitantes a um patrimônio que ainda carrega todas as marcas de um homem por trás de seu sucesso – Amedeo Maiuri.

73 Há uma inquietante semelhança entre a interpretação do *collegia* em Pompeia por Moeller (1976) e o papel de *Associazioni* e sindicatos fascistas.

74 Um manuscrito recente de um livro escolar mantinha a ligação do edifício Eumachia com a sede de *collegium* dos tintureiros.

75 As interpretações de Maiuri também aparecem em vários documentários recentes da televisão/docudramas.

Referências

- A.A.V.V. *Catalogo dela Mosra Augustea dela Romanità*. Rome, 1938.
- _____. *Il Foro Italico*. Rome, 1990.
- ANONYMOUS. *The Opera Nazionale "Balilla"*. Rome, 1928.
- BERETTA, E. *Realizzazioni e sviluppi dell'Opera Nazionale Dopolavoro*. San Dalmazzo, 1933.
- BELLI, C. *Amedeo Maiuri: Mestiere d'Archeologo*. Milan, 1978.
- BETTI, C. *L'Opera Nazionale Balilla e l'educazione fascista*. Perugia, 1984.
- BONDANELLA, P. *The eternal City: Roman Images in the Modern Word*. Chapel Hill, 1987.
- CAPORILLI, M.; SIMEONI, F. *Il foro Italico e Lo Stadio Olimpico*. Rome, 1990.
- CARRATELLI, G. P. *Amedeo Maiuri nel centenario della nascita*. Naples, 1990.
- CARRINGTON, R. C. *Pompeii*. Oxford, 1936.
- CARTIER, C.; LEW, A. A. *Seductions of place: Geographical perspectives on globalization and touristed landscapes*. London, 2005.
- CORTI, E. C. C. *The Destruction and Resurrection of Pompeii and Herculaneum*. London, 1951.
- DE GRAZIA, V. *The Culture of Consent: Mass Organization of leisure in Fascist Italy*. Cambridge, 1981.
- DELLA CORTE, M. *Iuventus*. Arpinum, 1924.
- _____. Scavi sulla Via dell'Abbondanza (Epigrafi inedited). *Notizie degli Scavi*, v. 52, p. 89-116, 1927.
- _____. Pompei. Inscrizioni dell' isola X della Regione I. *Notizie degli Scavi*, v. 58, p. 277-331, 1933.
- _____. Pompei. Nuove scoperte epigraphiche. *Notizie degli Scavi*, v. 61, p. 299-352, 1936.
- _____. Pompei. Le iscrizioni dela Grande Palaestra ad occidente dell' Anfiteatro. *Notizie degli Scavi*, v. 64, p. 239-327, 1939.
- _____. Le iscrizione dela Villa Giuliana o dei Misteri. *Memorie dell'Accademia d'Archeologia e Belle Arti di Napoli*, v. 20, p. 255-277, 1942.
- DI GIACOMO, S. *Nuova Guida a Napoli*. Naples, 1926.

ELIA, O. Pompei. Relazione sullo scavo dell'Insula X della Regio I. *Notizie degli Scavi*, v. 59, p. 264-377, 1934.

ENGELMANN, W. *New Guide to Pompeii*. 2nd ed. Leipzig, 1929.

GOALEN, M. The Idea of the City and the Excavations at Pompei. In: CORNELL, T.; LOMAS, K. (Eds.). *Urban Society in Roman Italy*. London, 1995. p. 181-202.

JONGMAN, W. *The Economy and Society of Pompeii*. Amsterdam, 1988.

KOON, T. H. *Believe Obey Fight: Political Socialisation of Youth in Fascist Italy 1922-1943*. Chapel Hill, 1985.

LASSANSKY, D. M. *The Renaissances Perfected: Architecture, Spectacle and Tourism in Fascist Italy*. Pennsylvania, 2004.

LAURENCE, R. Writing the Roman Metropolis. In: PARKINS, H. (Ed.). *Roman Urbanism: Beyond the consumer model*. London, 1997. p. 1-20.

_____. Tourism, Town Planning and Romanitas: Rimini's Roman Heritage. In: BIDDISS, M.; WYKE, M. (Eds.). *The Uses and Abuses of Antiquity*. Bern, 1999. p. 187-202.

LE CORBUSIER. *Towards a New Architecture*, London, 1946.

LEPPMANN, W. *Pompeii in Fact and Fiction*. London, 1968.

LING, R. *The Insula of Menander at Pompeii I: The Structures*. Oxford, 1997.

MACCHIORO, V. D. *La Villa dei Misteri in Pompei*. Naples, 1926.

MAGGI, G. *Archeologia magica di Amedeo Maiuri*. Naples, 1974.

MAIURI, A. Pompei. Relazione dei lavori di scavo dal marzo 1924 al marzo 1926. *Notizie degli Scavi*, v. 52, p. 3-89, 1927.

_____. Pompei. Relazione dei lavori di scavo dall'aprile 1926 al dicembre 1927. *Notizie degli Scavi*, v. 54, p. 354-476, 1929a.

_____. *Pompeii* (Italian Cities and Landscapes Series). Navarra, 1929b.

_____. Pompei. Saggi nella Casa del Chirugo. *Notizie degli Scavi*, v. 55, p. 381-395, 1930a.

_____. *La Villa dei Misteri*. Roma, 1930b.

_____. *La Villa dei Misteri*. 2nd ed. Rome, 1931a.

_____. Pompei. Pozzi e condottiere d'acqua nell'antica città. Scoperta di un antico pozzo presso Porta Vesuvio. *Notizie degli Scavi*, v. 56, p. 546-576, 1931b.

_____. Pompei. Nuovi saggi di esplorazione delle Terme Stabiane. *Notizie degli Scavi*, v. 57, p. 507-516, 1932a.

- _____. *Pompei: I nuovi scavi e la Vila dei Misteri*. Rome, 1932b.
- _____. *La Casa del Menandro e il suo tesoro di argenteria*. Rome, 1933a.
- _____. Pompei. Studi e ricerche intorno ala Casa del Criptoportio sulla Via dell'Abbondanza. *Notizie degli Scavi*, v. 58, p. 252-276, 1933b.
- _____. Pompei. Scavo dela Grande Palaestra nel quartire dell' Anfiteatro (a.1935-1939). *Notizie degli Scavi*, v. 64, p. 165-238, 1939.
- _____. *L'ultima fase edilizia di Pompei*. Naples, 1942.
- _____. *Pompeii*. 4th ed. Rome, 1944.
- _____. *Gli Studi Poempeiani nel II Centenario degli Scavi. Problemi Atuali di Scienza e Cultura* 9. Rome, 1948.
- _____. *Pompeii*. 15th ed. Rome, 1954.
- _____. Turismo carovaniero e turismo romantico. In: _____. *Vita d'archeologo: Cronache dell'archeologo napolitana*. Milan, 1990/1958. p. 89-92.
- _____; PANE, R. *La Casa di Loreio Tiburtino e La Villa di Diomede in Pompeii*. Rome, 1947.
- MOELLER, W. O. *The Wool Trade of Ancient Pompeii*. Leiden, 1976.
- MUSSOLINI, B. *Diuturna. Scritti ed annotate per la gioventù*. Milan, 1929.
- NASH, D. *The Anthropology of Tourism*. Oxford, 1996.
- PAINTER, K.S. *The Insula of Menander at Pompeii 4: The Silver Treasure*. Oxford, 2002.
- RASPA, E. *Educazione Ballislistica*. Catania, 1937.
- RUSCONI, A. J. I nuovi scavi di Pompei e la Villa dei Misteri. In: *Gloriose Imprese Archeologiche: Il Foro d'Augusto a Roma, Le Navi di Nemi, Pompei ed Ercolano*. Bergamo, 1927.
- _____. *J. Pompei*. Italia Artistica 96. Bergamo, 1929.
- SPINAZZOLA, V. *Pompei ala luce degli scavi nuovi di Via dell'Abbonanza (anni 1910-1923)*. Rome, 1953.
- TANNENBAUM, E. R. *The Fascist Experience: Italian Society and Culture 1922-1945*. London, 1972.
- THOMPSON, D. *State Control in Fascist Italy: Culture and Conformity 1922-1945*. Manchester, 1991.
- URRY, J. *The Tourist Gaze*. London, 1990.

VAN BUREN, A. W. News Items from Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 33, p. 432-443, 1929.

_____. News Items from Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 34, p. 379-389, 1930.

_____. News Items from Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 35, p. 347-352, 1931.

_____. News Items from Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 33, p. 497-508, 1933.

_____. News Items from Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 43, p. 508-521, 1939.

_____. News Items from Rome. *American Journal of Archaeology*, v. 46, p. 428-440, 1942.

WALLACE-HADRILL, A. Elites and Trade in the Roman Town. In: RICH, J.; WALLACE-HADRILL, A. (Eds.). *City and Country in the Ancient World*. London, 1991. p. 241-272.

WHITTAM, J. *Fascist Italy*. Manchester, 1995.

WYKE, M. *Projecting the Past: Ancient Rome, Cinema, and History*. London, 1997.

Recebido em março de 2014.

Aprovado em maio de 2014.